

O DESENCANTO EM TEMPO DE LIBERDADE NA ESCRITA IMAGINATIVA DE KOPANO MATLWA

DESILLUSIONMENT IN TIME OF FREEDOM IN THE IMAGINATIVE WRITING OF KOPANO MATLWA

MARCELLA MESQUITA GRANATIERI

Resumo: Este ensaio analisa os entrecruzamentos gerados pelo campo expandido¹ entre a literatura e a História. Partindo do romance contemporâneo, *Spilt Milk* (2010) da médica e escritora negra sul-africana Kopano Matlwa, o ensaio focaliza a (des)construção e (re)construção das temporalidades do presente após o apartheid na escrita imaginativa de Matlwa. A transição política, o futuro presentificado do pós-apartheid e as sombras do antigo regime são temas aqui abordados. Na narrativa de *Spilt Milk*, a rememoração em um tempo espiralar atravessa diferentes gerações. A fabulação é o lugar dos incômodos encontros entre os espectros do tempo presente-passado e das presenças do tempo futuro-presente.

Palavras-chave: Kopano Matlwa; África do Sul; Desencanto; tempo futuro-presente

Abstract: This essay analyzes the intersections generated by the expanded field between Literature and History. Starting from the contemporary novel, *Spilt Milk* (2010) by the black South African doctor and writer Kopano Matlwa, the essay examines the (de)construction and (re)construction of present temporalities in Matlwa's imaginative writing. Political transition, the presentified future of "post" apartheid, and the shadows of the old regime are themes addressed here. In the narrative of *Spilt Milk*, remembrance in a spiral time traverses different generations. Fabulation is the site of uncomfortable encounters between the specters of present-past time and the presences of future-present time.

Keywords: Kopano Matlwa; South Africa; Desillusionment; Future-Present Time

¹ Marcella Mesquita Granatiere (RJ) é doutora em Literatura, Cultura e Contemporaneidade (PUC-Rio, 2024). Atuou como pesquisadora visitante no instituto WiSER/Wits University, em Johannesburgo (África do Sul, 2022). Email: mgranatiere@gmail.com

A sul-africana Kopano Matlwa se autodescreve médica/escritora: “Tenho a sorte de ter dois amores. Eu sempre me refiro a Anton Chekhov, que diz que ‘a medicina é minha esposa e a literatura é minha amante’. Eu com certeza me identifico com isso”². Sua escrita imaginativa centra-se nas questões sociais que persistem entre as comunidades negras, sobretudo na vida da mulher negra após a eleição de 1994, como tensões raciais, desigualdade socioeconômica, xenofobia e violência contra a mulher negra.

Matlwa olha para a ideia de “*Rainbow Nation*”³, idealizada pelo arcebispo Desmond Tutu e afirmada por Mandela, de forma bastante crítica. Em entrevista concedida em 2021 ao apresentador Michael Martin, do programa *Tell Me More*, Matlwa relembra a atmosfera de euforia da eleição de 1994 e o entusiasmo com o sonho da “*Rainbow Nation*”. Ela tinha nove anos de idade quando Nelson Mandela foi eleito. Porém, com o passar do tempo, a euforia e o entusiasmo se transformaram em desencanto. A continuidade do alto índice de pobreza, a corrupção nas diversas esferas do governo e as tensões raciais no regime democrático levaram a médica-escritora a questionar “se o sonho era uma mentira”.

Esse desencanto orientou a escrita de seu segundo romance, *Spilt Milk* (2010). A trama centra-se na história de Mohumagadi, dona e diretora de uma escola de excelência para crianças negras, e sua relação com os estudantes Zulwini, Ndudumo, Moya e Milo, bem como com o padre branco Bill, que chega à escola após uma controvérsia na comunidade católica sobre o seu comportamento como professor deste grupo de alunos punidos por má conduta. Segundo Matlwa, *Spilt Milk* “representa o amor perdido entre sul-africanos brancos e negros e a promessa que todos fizemos em 1994, porém nenhum de nós cumpriu”⁴.

***Spilt Milk*: o desencanto ficcionado**

Spilt Milk, traduzido livremente como *Leite derramado*, título do romance de Kopano Matlwa, faz uma analogia à expressão “chorar sobre o leite derramado”, comumente usada para enfatizar que não adianta entristecer-se ou lamentar um erro do passado, pois, no fim, só resta seguir em frente.

² SUD-ÀFRICA, després de l’apartheid. Conversa amb Kopano Matlwa i Xavier Aldekoa. Produção de CCCB Debats. Barcelona: CCCB, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VJOIJA_mmgw. Acesso em: 20 dez. 2022.

³ A expressão “*Rainbow Nation*” se refere à união das diversas culturas, raças e grupos étnicos na África do Sul pós-apartheid.

⁴ SUD-ÀFRICA [...], *op. cit.*

A primeira epígrafe, “Cada livro é uma oração”⁵, atribuída a um autor desconhecido, introduz a subjetividade e a singularidade da narrativa escrita nas páginas seguintes. Já a segunda e a última epígrafes fazem uma citação dos versículos 6 e 7 do livro de Jeremias na *Bíblia*, um trecho da convocação do profeta para ser um mensageiro de Deus para as nações, evidenciando a voz da geração protagonista da fabulação sobre o futuro, agora presentificado.

Mas eu disse: ‘Ah, Soberano Senhor! Eu não sei falar, pois ainda sou muito jovem’. O Senhor, porém, me disse: ‘Não diga que é muito jovem. A todos a quem eu o enviar, você irá e dirá tudo o que eu ordenar a você. Não tenha medo deles, pois eu estou com você para protegê-lo.’^{6 7}

Jeremias recebe sua vocação ainda jovem, por volta dos seus dezoito anos. Homem do campo, fazia da palavra seu instrumento para combater as injustiças contra as camadas da população socialmente mais vulneráveis. O profeta se opõe aos reis, sacerdotes e donos de terras, ou seja, à elite de Judá. Seu discurso denuncia as injustiças sociais praticadas pelos governantes e seus aliados. A escolha de Matlwa pelo profeta indica o campo ampliado entre a escrita imaginativa e o real, ao mesmo tempo que apresenta uma linha narrativa que também pode ser entendida como uma ideia ou sentimento – o desencanto.

O prólogo narra um encontro furtivo entre um jovem casal, um homem e uma mulher. Um momento de afeto centrado nas emoções suscitadas pela atração física. No entanto, a atmosfera é rompida quando o casal é flagrado por um padre e se separa. A cena, quase lírica e descomprometida de afeto aos olhos do que a escritora chama de “tribunal da igreja”, é percebida como algo pecaminoso, sinistro e depravado. O jovem, moralmente condenado, é obrigado a mudar de endereço. Enquanto está na estrada em direção ao novo local de residência, um misto de sentimentos aflora, exceto a culpa.

No parágrafo final do prólogo, a escritora utiliza a alegoria do encontro afetivo do casal, interpretado como pecado, para evidenciar as estruturas das relações interracializadas impostas ao longo da colonização e do apartheid. A palavra “sacra”, utilizada para justificar a dinâmica de opressão dos grupos étnicos não brancos durante o regime do apartheid, pouco tem a ver com Deus. As rupturas e perdas causadas nas relações humanas por esses sistemas de dominação são percebidas nas temporalidades do presente.

Na verdade, Deus não teve nada a ver com a desgraça deles. Naquele dia, Deus também estava rolando na grama, rindo com o sol, surpreso com os rostos

⁵ “Every book is a prayer. – Author unknown”. *Apud* MATLWA, Kopano. **Spilt Milk**. Johannesburg: Jacana Media, 2010.

⁶ “Ah, Sovereign Lord”, I said, “I do not know how to speak; I am only a child.” But the Lord said to me, “Do not say ‘I am only a child’. You must go to everyone I send you to and say whatever I command you. Do not be afraid of them, for I am with you and will rescue you.” (Bíblia, [s. d.] *apud* Matlwa, 2010, p. 9).

⁷ *Ibid.*, p. 9, tradução nossa.

carrancudos, mas infelizmente isso só foi descoberto muito mais tarde, quando muita coisa já havia sido perdida.^{8 9}

Os três elementos pré-textuais – as duas epígrafes e o prólogo – enfatizam o ditado popular explícito no título, ao mesmo tempo em que apresentam uma das linhas centrais da narrativa: a “nova África do Sul”. A sequência de situações – o encontro, o erro, o pecado e a palavra construída pela perspectiva da religião católica – estrutura a narrativa sobre o amor malfadado dos protagonistas, a diretora Mohumagadi e o Padre Bill, durante o apartheid.

O reencontro dos protagonistas, quinze anos mais tarde, ocorre na escola administrada por Mohumagadi. Na temporalidade presente da democracia, Bill Thomas e Tshokolo Mohumagadi se encontram frente a frente pela primeira vez no palanque do pátio da escola, cercados pelo corpo discente e docente da instituição educacional.

Sekolo sa Dithora é uma escola de excelência para crianças negras. Os professores, cuidadosamente selecionados, orientam o aprendizado visando ao desenvolvimento de habilidades pessoais e à construção do pensamento crítico. O currículo escolar inclui o ensino e a certificação das línguas Xhosa e Zulu. Seu espaço físico externo é pensado como um local para estimular a criatividade e a capacidade crítica. A área interna, bem iluminada, é composta por salas de aula, auditórios, salões de leitura e áreas de recreação. Os nomes nas portas desses espaços são de imperadores, reis e rainhas que não foram contemplados pela narrativa escrita da história única.

Sekolo sa Dithora. Uma escola de excelência. Um lugar onde a Matemática não seria simplesmente uma ferramenta ensinada para calcular taxas de mortalidade, calcular dívidas e adicionar zeros às economias falidas, mas sim um meio para acrescentar ao vazio, para criar mudanças, preencher espaços, organizar pensamentos e multiplicar resultados. Um lugar onde a História não fosse objeto de crônicas de ressentimentos, guerras e ódios pós-independência, mas fosse testemunha de tudo o que foi superado em todos os séculos passados. Um lembrete de onde estivemos e onde não queremos mais estar. Seria um lugar onde a Geografia não seria simplesmente um meio de identificar fontes de ajuda no mapa do mundo, mas uma busca pela compreensão da própria terra, uma forma de encontrar lugar e significado e, portanto, perspectiva. Esta seria uma escola onde a Arte não fosse apenas o bordado vendido por bo Koko

⁸ “God had actually had nothing to do with their disgrace. That day, God too was rolling in the grass, laughing with the sun, surprised at the scowling faces, but sadly, this was discovered only much later, when too much had already been lost.” (Matlwa, 2010, p. 9).

⁹ *Ibid.* p. 9, tradução nossa.

na beira da estrada, mas um sentido de identidade, um meio de nos conectarmos com os nossos antepassados e com os que viriam, centrando-nos.^{10 11}

O Padre Bill chega à escola com a função de lecionar para um pequeno grupo de alunos – Ndudumo Mazibuko, Zulwini, Moya e Milo. Filhos da nova elite sul-africana, o grupo foi flagrado, no retorno de uma atividade externa, no banco de trás do ônibus escolar, com as calças e saias abaixadas e seus corpos à mostra, enquanto se auto-observavam. Dr. Mahlangu, membro do Public Relations Officer and Media Liaison¹² e responsável pelo caso, sugere à diretora aulas de religião para reparar a imagem dos alunos e da escola: “Talvez um pouco de sacralidade possa trazer algum benefício às crianças (e à escola, agora com a imagem maculada)”^{13 14}. Embora a ideia da simples presença de um representante da igreja em sua escola cause muito desconforto à diretora, ela acaba por aceitar a sugestão.

Ela permitiria que uma pessoa da igreja adentrasse em sua escola, mas resolveu manter um controle rígido sobre a situação e limitar a interação com os alunos. Muito se investiu nesta escola, muitas vidas depositaram esperança nela. A igreja era uma ameaça àquilo que ela havia criado e ela sabia que essas pessoas eram muito boas no que faziam, acumulando nações inteiras durante décadas, dividindo famílias, cortando filhos com cordões umbilicais, convencendo filhas a adotarem trajes estranhos e insistindo que suas famílias mudem ou desapareçam. Eles a deixavam terrivelmente, terrivelmente desconfortável.^{15 16}

No período pós-apartheid, o encontro, agora entre alunos, observado como erro e punido como pecado, se repete. No ambiente educacional voltado para a troca de saberes científicos e culturais, novos/velhos encontros tensionam espectros entendidos pela protagonista como elementos esquecidos no passado. Novos/velhos incômodos surgem no entrecruzamento do tempo futuro, sonhado pela geração antiapartheid, nas temporalidades do futuro presentificado vivenciado pela geração *born-free*.

¹⁰ “Sekolo sa Dilthora. A school of excellence. A place where Mathematics would not simply be a tool taught to tally mortality rates, to compute debts and to add zeros to failing economies, but a means to add to the nothingness, to create change, fill space, organise thinking and multiply results. A place where History would not be a subject of chronicled post-independence dates of resentments, war and hatred but would stand as a witness to all things overcome from all centuries gone by. A reminder of where we have been and where we no longer want to be. It would be a place where Geography would not simply be a means to identify sources of aid on the map of the world, but a pursuit of the understanding of the earth itself, a way to find place and meaning and thus perspective. This would be a school where Art was not just the beadwork sold by bo KoKo on the side of the road but a sense of identity, a means to connect with our ancestors and those to come, a centring.” (Matlwa, 2010, p. 4-5).

¹¹ *Ibid.*, p. 4-5, tradução nossa.

¹² Especialista em construir e manter a imagem positiva de organizações e empresas.

¹³ “[...] perhaps a little divinity might do the kids (and the school’s now sullied image) a bit of good” (Matlwa, 2010, p. 7).

¹⁴ *Ibid.*, p. 7, tradução nossa.

¹⁵ “She would allow a church person to enter her school but resolved to keep a very tight handle on things and limit interaction with the pupils. There was much too much invested in this school, too many lives that had put their hope in it. The church was a threat to the very thing she had created and she knew that these people were very good at what they did, collecting whole nations for decades, splitting families, taking sons severed right off their umbilical cords, convincing daughters to adopt strange attire and insisting that their families change or disappear. They made her terribly, terribly uncomfortable.” (Matlwa, 2010, p. 8).

¹⁶ *Ibid.*, p. 8, tradução nossa.

No entremeio do imaginado e do real, parte da geração pós-apartheid questiona a ideia de “nascidos livres”. Segundo a escritora e feminista negra sul-africana Sisonke Msimang, algumas vozes da geração nascida após o fim do apartheid rejeitam a insígnia *born-free*, por entenderem que, apesar de terem nascido ou serem jovens adultos após o fim do regime, mecanismos de opressão como a desigualdade socioeconômica e o racismo continuam operando: “Eles não são livres”.¹⁷

Esta nova África do Sul é vivida no território do hífen – aquele espaço intermediário de não-exatamente-liberdade que marca a palavra ‘pós-apartheid’. Ou talvez seja a geografia ainda definida pela palavra que vem depois do hífen: o lugar da separação.¹⁸

O termo “pós”, entendido como marcador de um tempo histórico, pode ser considerado entre o imaginado e o real; entre a liberdade e a opressão; entre o futuro e o passado; entre a idealização e o desencanto, orientando a narrativa ficcionada de Kopano Matlwa sobre a “nova África do Sul”. A reflexão crítica da temporalidade “pós” ocorre na voz da protagonista.

Ela ressaltou que após a euforia, depois da histeria, depois dos scones e do ginger ale e do creme e dos pêssegos em lata, depois do delírio e do drama, depois do calor e da intensidade, depois da carne e do álcool e dos chips de sal e vinagre, depois que a excitação tomou conta do ar e a perspectiva rasgou o céu, afinal, as coisas desmoronaram. Desmoronaram lentamente, mas desfez mesmo assim.^{20 21}

Essa temporalidade é demarcada na introdução por meio de uma sequência de descrições referentes às diversas formas de celebração do futuro pós-apartheid. Todas as frases referentes ao fim do regime começam com a conjunção “*after*” (após). A repetição dessa conjunção – que aparece cerca de 49 vezes – intensifica o caráter efêmero da transição política e, ao mesmo tempo, ratifica o não pertencimento de Tshokolo Mohumagadi a esse tempo histórico.

Os parágrafos dedicados à apresentação da protagonista e de seu lugar social de fala iniciam com o pronome pessoal de tratamento “ela”: “Ela não pertence a ninguém”; “Ela simplesmente acordou uma manhã e percebeu que conversamos há décadas”; “Ela ressalta que

¹⁷ “A new generation of South Africans who reject the phrase ‘born-free’ to describe themselves. Vocal members of this generation often assert that they were born after the end of apartheid but, trapped in cycles of poverty and continuing racism, are not free”. Cf. MSIMANG, Sisonke. **The Resurrection of Winnie Mandela**. Johannesburg: Jonathan Ball, 2018, p. 15.

¹⁸ “This new South Africa is lived in the territory of the hyphen – that in-between space of not-quite-freedom that marks the word “post-apartheid”. Or perhaps it is the geography still defined by the word that comes after the hyphen: the place of apartness.” (Msimanga, 2018, p. 143).

¹⁹ *Ibid.*, p. 143, tradução nossa.

²⁰ “She pointed out that after the elation, after the hysteria, after the scones and ginger ale and custard and canned peaches, after the delirium and the drama, after the heat and intensity, after the meat and the alcohol and salt and vinegar chips, after excitement pierced the air and prospect ripped the sky, after it all, things came apart. Came apart slowly, but came apart nonetheless.” (Matlwa, 2010, p. 3).

²¹ *Ibid.*, p. 3, tradução nossa.

são tempos diferentes agora”; “Ela ressaltou que após a euforia...”^{22 23}. As frases não são constituídas por anáfora; o pronome “ela” constitui o sujeito da narrativa, a voz do tempo presente e o olhar para o contexto sociopolítico do pós-celebração.

Ela ressaltou que agora era um tempo diferente. Um tempo não para homens e mulheres pequenos e redondos em ternos brilhantes com discursos rápidos e truques de mágica, dizendo isso e aquilo, prometendo isso e aquilo, comprando isso e aquilo, sendo acusados disso e daquilo, acusados disso e daquilo, pegos por isso e por aquilo; perto de homens e mulheres em ternos escassos que sempre nos decepionavam. Era tudo tão chato, ela disse, tão mundano. E quem entre nós não se cansou de defendê-los?..^{24 25}

Na fronteira entre o passado recente e o futuro presentificado, Matlwa constrói uma narrativa ficcional “pós” a geração de líderes antiapartheid e a transição política: “E depois de uTata, bem, realmente não restaram grandes nomes, nem no sentido moral, nem de nobreza”²⁶. O substantivo “uTata”, que em zulu significa pai, remete, de certa forma, ao primeiro presidente democraticamente eleito: Nelson Mandela. Considerado o pai da democracia sul-africana, a palavra “uTata” é frequentemente usada antes de seu nome – tratamento dado tanto pela mídia internacional quanto pelos sul-africanos, principalmente pela geração antiapartheid.

A narrativa estruturada entre o imaginado e o real do “pós-celebração” reflete sobre os novos/velhos desafios do regime democrático a partir das ações de intelectuais, professores, escritores, empresários, diplomatas e membros de organizações políticas da geração pós-apartheid: “Claro, havia muito dinheiro e muitas formas de produzir lucro, mas nada de camisetas, nada de dança engraçada, nada de sorriso de um milhão de dólares, nada de voz rouca”^{28 29}.

Nesse tempo histórico, o pronome pessoal “ela” é substituído pelo nome próprio da personagem: “E então, Mohumagadi, porque era assim que ela deveria ser tratada”. A decisão da protagonista de construir um programa de educação crítica e de qualidade para os filhos da

²² “She belonged to no people”; “She had simply woken up one morning and realized we had been speaking for decades”; “She point out that it was now a different time”; “She pointed out that after the elation” (Matlwa, 2010, p. 2-3).

²³ *Ibidem*, p. 2-3, tradução nossa.

²⁴ “She pointed out that it was now a different time. A time not for little round men and women in sparkly suits with quick speech and magic tricks, saying this and saying that, promising this and promising that, buying this and buying that, being charged with this and being charged with that, accused of this and accused of that, caught for this and caught for that; round men and women in sparkly suits who kept letting us down. It was all so boring, she said, so mundane. And who amongst us was not tired of defending them?” (Matlwa, 2010, p. 3).

²⁵ *Ibid.*, p. 3, tradução nossa.

²⁶ “And after uTata, well, there really were no great names, not in the moral sense, no nobility left” (Matlwa, 2010, p. 4).

²⁷ *Ibidem*, p.4, tradução nossa.

²⁸ “Sure there was money and plenty of money-makers, but no T-shirts, no funny dance, no million-dollar smile, no croaky voice” (Matlwa, 2010, p. 4).

²⁹ *Ibid.*, tradução nossa.

geração pós-apartheid é apresentada: “convocou a formação de uma escola”.³⁰ ³¹ Matlwa enfatiza o pertencimento de Mohumagadi à temporalidade presente, ou seja, à geração “pós”.

A diretora idealiza a instituição como um lugar de construção das relações intergeracionais, nas quais as gerações mais novas assumem o protagonismo; um lugar onde ser “umntu omnyama”, pessoa negra em zulu, pode ser excepcional; um lugar para se orgulhar; um lugar da verdade. A instituição, em certo sentido, é uma alegoria da “nova África-Sul” desejada pela geração jovem adulta ou nascida “pós” regime. A escola se torna, também, o lugar dos incômodos encontros com a chegada de Bill Thomas.

A temporalidade futuro-passado atravessa os protagonistas de forma distinta. Bill Thomas ocupa agora a posição de representante da Igreja Católica, instituição religiosa atravessada pelo tempo passado da opressão colonial. A sacralidade por meio das artes, do discurso e de ações ditas civilizatórias contribuiu para a construção de estereótipos e a reafirmação do preconceito racial – parafraseando Chinua Achebe³², difamando o nome da África. Como exemplo, temos a conhecida reinterpretação medieval do filho amaldiçoado de Noé: “Cam, acusado de comportamento desleal, cuja linhagem remontava à África e era composta de pescadores negros e infiéis, maculados de geração em geração”³³.

Apesar de ser padre, Bill Thomas não é um líder ou um orador talentoso, nem um grande comunicador da palavra divina – ele é apenas um homem marcado pelo pecado. O prólogo do romance deixa subentendido que o casal tem mais ou menos a mesma idade. Entretanto, a comunidade escolar olha para Bill como um “homem velho, branco e maltrapilho”. Os alunos o comparam às pouquíssimas pessoas brancas que os visitaram anteriormente: “Não era sempre que pessoas brancas entravam na escola, nem para limpar, nem para consertar, nem para falar, muito menos para ensinar. E nunca tão malvestidos”³⁴.

Uma professora/diretora e um padre, envolvidos em um amor malfadado, e o subsequente reencontro entre eles, parecem formar a principal linha narrativa do romance. Os alunos, que são o disparador desse reencontro, são apresentados a partir de um incidente envolvendo erro/pecado e pela menção aos seus pais. Ndudumo Mazibuko, Zulwini, Moya e

³⁰ “And so Mohumagadi, because that was how she was to be addressed, called for a school to be formed” (Matlwa, 2010, p. 4).

³¹ *Ibid.*, p. 4, tradução nossa.

³² ACHEBE, Chinua. **A educação de uma Criança sob o Protetorado Britânico**: ensaios. Tradução: Esa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

³³ BETHENCOURT, Francisco. **Racismo**: das cruzadas ao século XX. Tradução: Luís Oliveira Santos e João Quina. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 77.

³⁴ Matlwa, *op. cit.*, p. 11, tradução nossa.

Milo são alunos na faixa etária dos dez anos e filhos de figuras públicas que ocupam posições de destaque na “nova África do Sul”.

A história chegou aos jornais do fim de semana, onde foi noticiado que os filhos de Shile Dladla (CEO da Maatla Power House), Ntombovuyo Pooi (autor de *Consciência sexual*), Peter Graham (da Aliança do Povo) e do Diplomata Tshilitsi Mntambo ‘foram encontrados no banco de trás do ônibus escolar em meio a uma orgia.’^{35 36}

Ainda que temporários, com duração de seis semanas, os encontros diários entre os alunos e o padre no programa de detenção acontecem em uma sala de aula. Apenas os quatro alunos e o padre participam do programa, organizado e supervisionado pela diretora. No ambiente privado da escola, a construção dos diálogos entre os personagens entrecruza uma temporalidade espiralar, na qual o futuro é o ponto de interseção. Nos termos de Leda Maria Martins, o tempo espiralar é experimentado enquanto movimentos de “não linearidade, descontinuidade, simultaneidade das instâncias presente, passado e futuro”³⁷. A fala madura e crítica dos discentes e docentes contrasta com o comportamento inseguro e, pode-se dizer, quase infantilizado do padre.

A escritora tensiona certos espectros do passado distante e recente por meio da palavra. A fala intercalada – ora de um professor, ora de um dos alunos infratores, ora do padre – centraliza-se nas questões do tempo presente atravessadas por um certo sistema de “continuidade histórica”³⁸, conceito proposto por Beatriz Nascimento para orientar o estudo dos sistemas sociais alternativos organizados pelos negros, das manifestações culturais e das religiões de matriz africanas no Brasil. “Continuidade”, nesses termos, distancia-se da ideia de linearidade, de um evento após o outro. A temporalidade histórica ocorre em um movimento espiralar, no qual as fronteiras do tempo são híbridas.

O diálogo construído por Matlwa ao longo de sua narrativa ficcional expõe o sistema de ‘continuidade histórica’ vivido pela população negra sul-africana. Pois, mesmo que as rupturas tenham causado mudanças, algumas sombras se mantêm, como evidencia o professor de educação física e ex-capitão da seleção nacional de basquetebol sub-19, Vuyo Mkhize, em uma conversa com Padre Bill na sala dos professores.

³⁵ “The story found its way to the weekend’s papers, where it was reported that the children of Sihle Dladla (CEO of Maatla Power House), Ntombovuyo Pooi (author of *Sexual Consciousness*), Peter Graham (of the Alliance of the People) and Diplomat Tshilitsi Mntambo “were found at the back of a school bus engaged in an orgy” (Matlwa, 2010, p. 7).

³⁶ *Ibidem*, p. 7, tradução nossa.

³⁷ MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021, p. 23.

³⁸ Termo cunhado por Beatriz Nascimento. Cf. NASCIMENTO, Beatriz. É tempo de falarmos de nós mesmo. In: RATTIS, Allex (org.). **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

Eles estão sempre nos dizendo que só querem o bem para nós, querem nos ajudar. Ajuda nas nossas eleições, ajuda no comércio exterior, ajuda com pacotes de alimentos. Mas todos nós sabemos que eles são valentões, valentões que nos chantageiam com dinheiro, só cuidam de si mesmos, ajudando-nos apenas enquanto pudermos servi-los. Nunca haverá um tempo em que não haja sofrimento ou miséria. O Ocidente causou muitos danos e o resto de nós está prejudicado demais, irritado demais, farto demais para se interessar por qualquer tipo de felicidade hippie. Basta olhar para você, Padre Bill – você também está muito confuso, para um maldito padre.^{39 40}

As conversas são curtas, às vezes educadas, outras nem tanto, e os grupos de interlocutores são pequenos. A fala franca e sem medo dos personagens marca cada encontro do padre com a comunidade escolar. Uma rememoração em forma de metáfora, por assim dizer, do TRC (Truth and Reconciliation Commission) – em tradução livre, “Comissão de Verdade e Reconciliação”. Liderada pelo Arcebispo Desmond Tutu, a TRC foi constituída por audiências públicas televisionadas. O objetivo principal era investigar os crimes contra os direitos humanos durante o regime do apartheid, entre 1960 e 1994, tanto por parte do Estado quanto dos ativistas do movimento antiapartheid.

Ao contrário de muitos casos de processos semelhantes pós-conflito (ou pós-ditadura) em outros lugares, as audiências da TRC sul-africana ocorreram em público e ouviram provas detalhadas tanto dos perpetradores como das vítimas. As provas de ambos os grupos, mostradas extensivamente na televisão, tiveram um impacto perturbador na psique da nação; forçou os brancos, em particular, a ficarem cara a cara com as duras realidades que estavam por detrás do sistema sob o qual viveram e se beneficiaram. Também deu a milhares de vítimas a oportunidade de falar abertamente sobre suas experiências e tê-las oficialmente reconhecidas.^{41 42}

O projeto, considerado por Mandela essencial para estabilizar o país, evitar conflitos futuros e promover o sentimento de uma nação para todos,⁴³ teve repercussão positiva na comunidade internacional. A historiadora Régine Robin considera o TRC sul-africano como a única e verdadeira “boa notícia” do ponto de vista memorial em escala mundial, devido à

³⁹ “They are forever telling us they only want good for us, want to help us. Help with our elections, help with foreign trade, help with food packages. But we all know they are bullies, bullies blackmailing us with money, only looking out for themselves, helping us only as long as we can serve them. There will never be a time when there is no suffering or misery. The West has done too much damage and the rest of us are too damaged, too angry, too fed up to be interested in any kind of hippy happiness. Just look at you, Father Bill – you’re pretty messed up yourself, for a bloody priest.” (Matlwa, 2010, p. 89).

⁴⁰ *Ibid.*, p. 89, tradução nossa.

⁴¹ “Unlike many cases of similar post-conflict (or post-dictatorship) processes elsewhere, the South African TRC’s hearings took place in public and heard detailed evidence from both perpetrators and victims. The evidence from both groups, shown at length on television, had an unsettling impact on the nation’s psyche; it forced whites in particular to come face to face with the harsh realities that lay behind the system that they had lived under and benefited from. It also gave thousands of victims the opportunity to speak openly about their experiences and to have them officially recognized.”. Cf. PAMPALLIS, John; BAILEY, Maryke. **A Brief History of South Africa: From the Earliest Times to the Mandela Presidency**. Johannesburg: Jacana, 2021. p. 185.

⁴² *Ibid.*, p. 185, tradução nossa.

⁴³ *Ibid.*

modalidade de reconhecimento da verdade exercido pela comissão. No entanto, Robin também ressalta o fato de que esta “memória que emerge, frágil, sem ilusão, é uma construção”⁴⁴.

Já para Sisonke Msimang, a circulação da memória construída pelo TRC é um espectro controverso da sociedade sul-africana. Em seu livro *The Resurrection of Winnie Mandela* (2018), a feminista analisa as ações do TRC por meio do olhar da ativista política Winnie Mandela, uma opositora à modalidade de conciliação praticada pelo TRC, e da geração *born-free*, que está “cansada da narrativa sobre perdão defendida por seus pais”^{45 46}. Msimang elenca e reflete sobre três problemas incorporados ao “DNA social do TRC”, segundo Winnie Mandela:

A primeira questão é que a Comissão trata os antigos inimigos da luta como se fossem atores iguais em uma guerra convencional. A equivalência moral te ofende (Winnie). O segundo problema da Comissão, na sua opinião (Winnie), é que o nível de anistia está muito baixo. Isso acontece porque a Comissão está profundamente empenhada na ideia de dizer a verdade como uma forma de justiça e não como um passo em direção à justiça. A terceira crítica à Comissão é que seu escopo é muito restrito em termos do tipo de crime que procura investigar. Exclui os crimes em larga escala e em grande parte econômicos que fazem da pobreza uma característica tão marcante da vida passada.^{47 48}

Kopano Matlwa, em sua escrita imaginativa, segue um caminho diferente do escolhido pela Comissão. Longe das câmeras de TV e da formalidade de um tribunal, sem mediadores ou lideranças, os personagens da geração *born-free* expõem um olhar crítico para o passado a partir de suas experiências nas temporalidades do presente, extravasam suas frustrações com os novos/velhos mecanismos de opressão e expõem suas perceptivas sobre a “nova África do Sul”.

O padre escuta e, quando interpelado pelo professor de educação física a falar sobre as relações humanas, por exemplo, sua palavra não é conciliadora ou consoladora: “É uma loucura pensar que chegará um tempo em que não haverá pobreza, nem lutas, nem fome, nem violência. E mesmo que exista, haverá algo igualmente ruim”^{49 50}. Ou quando questionado pelo aluno

⁴⁴ ROBIN, Régine. **A memória saturada**. Tradução: Cristiane Dias e Greciely Costa. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2016. p. 39.

⁴⁵ “[...] tired of the narrative of forgiveness espoused by their parents” (Msimang, 2018, p. 15).

⁴⁶ *Ibid.*, p. 15.

⁴⁷ “The first is that the Commission treats the former enemies of the struggle as though they are equal actors in a conventional war. The moral equivalence offends you [Winnie] [...]. The second problem of the Commission, as you [Winnie] see it, is that the bar for amnesty is set too low. This is because the Commission is deeply invested in the idea of truth-telling as a form of justice rather than as a step towards justice [...]. The third critique of the Commission is that its scope is far narrow in terms of type of crimes it seeks to investigate. It excludes the wide-scale and largely economic crimes that make poverty such a feature of back life.” (Msimang, 2018, p. 133).

⁴⁸ *Ibid.*, p. 133, tradução nossa.

⁴⁹ “It’s crazy to think there will be a time when there is no poverty, no fighting, no hunger, no violence. And even if there is, there will be other things equally evil” (Matlwa, 2010, p. 88).

⁵⁰ *Ibid.*, p. 88, tradução nossa.

infrator, Mlilo, sobre sua origem e o motivo de estar ali, Bill não demonstra arrependimento ou culpa por seu erro ou pecado que o levou a participar do programa de detenção.

Meu nome é William Thomas. Sou padre, por isso as pessoas me chamam de Padre Bill. Fui enviado para esta escola porque tive relações sexuais com uma mulher com quem eu não era casado, não conhecia e não fazia questão de conhecer, na cozinha do salão depois de um serviço em que fiz o sermão. Eu entendo que vocês são crianças especiais nesta escola, então presumo que posso falar abertamente com vocês e não ficarão alarmados. Eu não tinha motivos para fazer o que fiz. Não fazia sentido, nem mesmo para mim. Me senti péssimo depois, mas acho que isso não muda nada, porque já fiz isso antes e sempre me sinto péssimo depois.^{51 52}

Há um cuidado por parte da escritora na construção narrativa dos encontros, apresentando todos os personagens com nome, sobrenome e sua posição na escola antes de suas falas. Ela ressalta o *status* de ser humano e a cidadania sul-africana de cada interlocutor. Os assuntos abordados em cada encontro tensionam a ideia de ruptura como o verdadeiro fim dos sistemas de opressão. A fabulação de Matlwa propõe uma conversa aberta, mesmo que dura, entre os atores ativos da temporalidade presente. O tempo futuro presentificado é metaforicamente despido das promessas do passado.

A memória construída durante a transição política, entrecruzada pelo duo promessa-desencanto, é o disparador do amor malfadado entre Mohumagadi e Padre Bill. A rememoração das promessas feitas por eles, enquanto um casal apaixonado, se intersecciona com as promessas em desencanto da sociedade sul-africana nas temporalidades “pós”.

Os pensamentos sempre a levam pelo mesmo caminho traiçoeiro, aquele mesmo que ela queria evitar. Ela não queria continuar assim; isso reavivava muitas memórias esquecidas, *loops* loucos, redemoinhos, reviravoltas. Isso a irritou, levantou questões que ela não conseguia responder. Eles foram os culpados? Foi culpa dela, culpa dele? Teria funcionado se ele tivesse ficado e voltado? Todas as promessas que fizeram um ao outro em 1994 eram mentiras? Ela se sentia fraca, cansada e confusa cada vez que tentava seguir nessa direção. Ela sabia que nunca havia se recuperado, nunca se recuperaria. Tinha se conformado em tentar esquecer.^{53 54}

⁵¹ “My name is William Thomas. I am a priest, so people call me Father Bill. I was sent to this school because I had sex with a lady I was not married to, did not know and did not care to know, in the kitchen of the hall after a service at which I gave the sermon. I understand you are some kind of special children at this school, so I presume I can speak plainly to you and you will not to be alarmed. I had no reason to do what I did. It made no sense, not even to me. I felt terrible afterwards, but I guess that changes nothing, because I have done it before and always feel terrible afterwards.” (Matlwa, 2010, p. 92-93).

⁵² *Ibid.*, p. 92-93, tradução nossa.

⁵³ The thoughts always lead her down the same treacherous path, the very one she wanted to avoid. She did not want to go down that way, it revved up too many forgotten memories, crazy loops, swirls, twirls. It made her angry, brought up questions she could not answer. Were they to blame? Was it her fault, his fault? Would it have worked if he had stayed, come back? Were all the promises they had made to each other in 1994 a lie? She felt weak, tired and confused each time she ventured in this direction. She knew she had never recovered, would never recover. Had settled with trying to forget. (Matlwa, 2010, p. 95)

⁵⁴ *Ibidem*, p. 95, tradução da autora

A escrita imaginativa de Matlwa pode ser lida dentro da chave da estrutura do velho/novo estilo do romance. O estilo literário, nas palavras de Benedict Anderson⁵⁵, proporciona meios técnicos para (re)presentar “o tipo de comunidade imaginada correspondente à nação”. Ainda segundo Anderson, a forma de escrita do romance viabiliza “uma dissertação complexa sobre a palavra ‘entrementes’”.

A narrativa de *Spilt Milk* subverte a disposição de enredo analisado por Anderson, que, para fins ilustrativo, utiliza um trecho de enredo simples, no qual “um homem (A) tem uma esposa (B) e uma amante (C), que por sua vez tem um amante (D)”⁵⁶. O enredo construído pela escritora centra-se em uma mulher negra, Mohumagadi (A), que tem um antigo ex-amante, um homem branco, Bill (B), e um novo amor pela “nova África do Sul” (C), enquanto os três lidam com um velho amante, representado pelo erro/pecado e pelas relações interracialis das temporalidades do futuro-passado (D). A democrática nação sul-africana e os sentimentos causados por certos atravessamentos do passado, em especial para a geração pós-apartheid, são, por assim dizer, personagens do romance.

Os encontros dos protagonistas são permeados pelo desconforto. Cada troca de olhar, cumprimento e conversa os faz lembrar as promessas não cumpridas. Ambos mantêm uma postura educada diante da comunidade escolar; no entanto, quando estão em seus espaços privados, as mágoas, as dores e os incômodos ocupam suas reflexões.

No silêncio de seu quarto alugado, Bill escreve em seu diário numa espécie de conversa com Deus, embora afastada do léxico sacro. Sua escrita é concisa, às vezes reduzida a uma frase, e raramente se estende por mais de dois parágrafos, revelando desabafos sobre os sentimentos conflituosos causados pela convivência com os membros da escola, especialmente com as crianças e a diretora. Enquanto isso, na quietude de seu lar, Mohumagadi reflete sobre os sentimentos evocados pelas promessas não cumpridas do passado. Por outro lado, a diretora pondera sobre as escolhas resultantes do desencanto: “Todos nós fizemos uma escolha. Ela apenas fez uma escolha diferente”^{57 58}.

O rompimento dessa relação, ou melhor dizendo, com a sombra da ausência dela, vista como um erro e entendida como pecado, ocorre nos espaços privados da escola, como o escritório da diretora e a sala dos professores, quando estão a sós. Nesses encontros, as

⁵⁵ ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 55.

⁵⁶ *Ibid.*, p. 55.

⁵⁷ “We all choose. She just chose differently” (Matlwa, 2010, p. 96).

⁵⁸ *Ibid.*, p. 96, tradução nossa.

diferentes perspectivas de Mohumagadi e Bill em relação às temporalidades futuro e passado são confrontadas.

‘Agora é tudo apenas leite derramado, Tshokolo; não adianta chorar por isso.’

[...]

‘Você está louco?’ ela continuou a gritar. ‘Você está louco? Você quer chamar quinze anos de dor, Bill, de uma dor dilacerante; quinze anos de falta de sono; quinze anos de medo; quinze anos de loucura, agonia e raiva, de ‘leite derramado’? Então eu deveria esquecer tudo, é isso que você está sugerindo, Bill? Todas aquelas promessas que você fez em 94, eu deveria simplesmente esquecê-las? Eu deveria simplesmente esquecer os quinze anos que você tirou da minha vida?’

‘Isso não foi o que eu quis dizer’. Ele não conseguia pronunciar as palavras rápido o suficiente. O que ele fez? Ele não quis dizer isso. Foi apenas uma expressão. Uma figura de linguagem. ‘Eu não quis dizer isso, Tshokolo, por favor, não foi isso que eu quis dizer. Você não esquece o leite derramado, Tshokolo, você limpa’^{59 60}.

As temporalidades que entrecruzam o futuro presentificado constituem o *éthos* da fabulação de *Spilt Milk*. Em uma entrevista para o programa TutuTalks (2022), Matlwa define sua escrita imaginativa como observações gerais sobre as questões sociais da nação sul-africana, permeadas por sua “visão particular”⁶¹. Por meio da literatura, a médica e escritora busca compreender e dar sentido à dimensão real das promessas em desencanto: “Eu vivi enquanto jovem o auge da *Rainbow Nation*; ainda me lembro dos anos de Mandela. Agora está explícito que muitos erros foram cometidos, deliberadamente ou não. Devemos ser cidadãos ativos e proteger a nossa democracia”⁶².

Na dimensão poética, Matlwa (re)imagina a Nova África do Sul por meio da metáfora da relação amorosa frustrada, como o caso de Mohumagadi e Bill. Essa metáfora também é repetida em entrevistas para explicar as relações étnico-raciais do pós-apartheid. Por exemplo, em uma entrevista concedida para a série *21 Icons South Africa* (2015), do fotógrafo australiano Adrian Steirn, residente em Cape Town, Kopano Matlwa explica seu ponto de vista sobre o termo “*Rainbow Nation*” a partir da metáfora do casamento: “A ‘*Rainbow Nation*’ foi um tipo

⁵⁹ “It’s all just spilt milk now, Tshokolo; no point crying over it.”

[...]

“Are you crazy?” she continued to scream. “Are you insane? You want to call fifteen years of pain, Bill, gut-wrenching pain; fifteen years of lack of sleep; fifteen years of fear; fifteen years of madness, agony and rage, ‘spilt milk’? So I should just forget everything, is that what you are suggesting, Bill? All those promises you made in ’94, I should just forget them? I should just forget the fifteen years you took from my life?”

“That’s not what I meant”. He couldn’t get the words out fast enough. What had he done? He hadn’t meant it like that. It was just an expression. A figure of speech. “I didn’t mean it like that Tshokolo, please, that wasn’t what I meant. You don’t forget spilt milk, Tshokolo, you clean it up” (Matlwa, 2010, p. 168).

⁶⁰ *Ibidem*, p. 168, tradução nossa.

⁶¹ Termo cunhado pela escritora sul-africana Nadine Gordimer.

⁶² TUTUTALKS. The Quiet Enabler: Trusting your truth – Dr Kopano Matlwa Mabaso. Produção de Desmond and Leah Tutu Legac Foundation. 2022. 1 vídeo (24min39s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=B0Vt6oXh_Vs. Acesso em: 20 dez. 2022.

de casamento um pouco forçado”, e completa: “Eu acho que chegou o momento de termos um casamento, de alguma forma, honesto, complicado, difícil, entretanto, feliz”.⁶³ ;

A forma como a escritora estrutura a narrativa de *Spilt Milk* reflete sua visão sobre a ideia de grandes líderes ou vozes representando uma determinada geração. Quando questionada sobre ser considerada a voz da geração *born-free* durante uma conversa com Xavier Aldekoa, no site CCCBDebats (2021), Matlwa responde: “T tecnicamente, eu não pertenço à geração *born-free*, mas é um lindo elogio. Contudo, não acredito que exista uma única voz para representar uma geração; eu acho que sou uma das muitas vozes que escrevem o próximo capítulo da história sul-africana”⁶⁴.

A escritora direciona seu olhar especificamente para o tecido social sul-africano e, por vezes, para o contexto do continente africano. Na visão de Kopano Matlwa, na África do Sul contemporânea, assim como em outros países, os desafios persistem: preconceitos, privilégio branco, desigualdade, violência de gênero. Mas também há “a beleza das pessoas comuns tentando dar aos filhos uma vida melhor, as mulheres lutando para alcançar seus sonhos e se recusando a serem definidas por raça e/ou gênero”⁶⁵.

Referências

ACHEBE, Chinua. **A educação de uma Criança sob o Protetorado Britânico**: ensaios. Tradução: Esa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BETHENCOURT, Francisco. **Racismo**: das cruzadas ao século XX. Tradução: Luís Oliveira Santos e João Quina. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

KRAUSS, Rosalind. A escultura no campo ampliado. Tradução: Elizabeth Carbone Baez. **Revista do Curso de Especialização em História da Arte e Arquitetura no Brasil**, Rio de Janeiro: PUC-RJ, n. 1, p. 87-93, 1984. (Artigo de 1979).

MANDELA, Nelson. **Long Walk to Freedom**. Nova Iorque: Back Bay Book, 2013.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MATLWA, Kopano. **Spilt Milk**. Johannesburg: Jacana Media, 2010.

⁶³ Matlwa *apud* Steirn, 2015, tradução nossa.

⁶⁴ SUD-ÁFRICA [...], 2021., tradução nossa.

⁶⁵ *Ibid.*

MSIMANG, Sisonke. **The Resurrection of Winnie Mandela**. Johannesburg: Jonathan Ball, 2018.

NASCIMENTO, Beatriz. É tempo de falarmos de nós mesmo. In: RATTTS, Allex (org.). **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

NPR STAFF [BRICSion: Powerful Stories, Powerful Nations]. In: South Africa, No Crying Over ‘Spilt Milk’? NPR, 4 set. 2012. Disponível em: <https://www.npr.org/2012/09/05/160550559/in-south-africa-no-crying-over-spilt-milk>. Acesso em: 20 dez. 2022.

PAMPALLIS, John; BAILEY, Maryke. **A Brief History of South Africa**: From the Earliest Times to the Mandela Presidency. Johannesburg: Jacana, 2021.

ROBIN, Régine. **A memória saturada**. Tradução: Cristiane Dias e Greciely Costa. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2016.

SUD-ÀFRICA, després de l’apartheid. Conversa amb Kopano Matlwa i Xavier Aldekoa. Produção de CCCB Debats. Barcelona: CCCB, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VJOIJA_mmgw. Acesso em: 20 dez. 2022.

TUTUTALKS. The Quiet Enabler: Trusting your truth – Dr Kopano Matlwa Mabaso. Produção de Desmond and Leah Tutu Legac Foundation. 2022. 1 vídeo (24min39s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=B0Vt6oXh_Vs. Acesso em: 20 dez. 2022.

21 ICONS SOUTH AFRICA. Kopano Matlwa Mabaso. Produção: Ginkgo Agency e Adrian Steirn, 2015. Disponível em: <https://21icons.com/kopano-matlwa-mabaso/>. Acesso em: 20 dez 2022.